

## GOOGLETECA? A BIBLIOTECA ESCOLAR E OS BIBLIOTECÁRIOS EM TEMPOS DE GOOGLE

Goobrary? The school library and the librarians on Google age

Adriana Bogliolo Sirihal Duarte<sup>1</sup>  
Maria L. Amorim Antunes<sup>2</sup>

**Resumo:** Cada vez mais a Internet tem sido considerada fonte de referência, principalmente entre os nativos digitais. Uma vez que a Internet é explorada principalmente pelos motores de busca, reflete-se sobre o Google, que se destacou como preferido pelos usuários e líder do segmento em questão. Diante disto, este artigo se propõe a pensar o *ethos* da profissão de bibliotecário escolar nos dias atuais: deveres, possibilidades, contribuições e espaços de atuação. Para tanto, narram-se três atividades distintas; realizadas em bibliotecas escolares diferentes, mas que igualmente, permitiram observar o caráter da biblioteca escolar e o confronto ante a busca de informação na Internet (através do Google). Os principais resultados apontam que o Google se consolidou no cotidiano dos jovens estudados. Com relação à biblioteca, constatou-se que as tecnologias digitais e o buscador unicamente não são deliberativos para sua (in)utilização. Houve intensa variação relacionada ao tipo de escola, à atuação dos professores e o contexto familiar. Como cada biblioteca é única, assim como o aluno e instituição, relata-se a conveniência de realizar um estudo de usuários indicativo do perfil e do comportamento informacional dos estudantes; bem como ouvir os professores para uma tentativa de colaboração.

**Palavras-chave:** Biblioteca escolar. Competência informacional. Google. Pesquisa escolar. Prática bibliotecária.

**Abstract:** Increasingly, the Internet is being considered source of information, especially among digital natives. Since the internet is revealed mainly by search engines, Google sparked interest as it stood out as favorite by users and leader of the segment in question. This article reflects about the *ethos* of the school librarian profession nowadays: duties, possibilities, contributions and areas of expertise. Thereby, three distinct activities are described. Although taken place in different school libraries, they all allowed to observe the school library purpose and the confrontation before the search for information on the Internet (by Google). The mainly results suggest that Google has been consolidated on the young's daily life. Libraries on the other hand, the technology alone cannot be accountable for it's misuse. Variations related to the type of school, the performance of teachers and family background were incisive to a great performance. As each library is unique, as well are the students and institutions. It was found appropriate to carry out studies reporting the profile and the information behavior of students; like wise investing in collaboration with teachers.

**Keywords:** Google. Information literacy. Inquiry. School Library. School librarian practice.

### 1 INTRODUÇÃO

Não se discute que hoje, impressa ou digital, a informação está presente em diversos formatos e suportes. Diante de uma realidade cada vez mais caracterizada pela presença maciça da tecnologia, muito se tem refletido sobre os rumos da educação e da escola, consideradas em crise na atualidade. (SIBILIA, 2012). De forma semelhante indaga-se se, nestes tempos desafiadores, o papel da biblioteca escolar pode

---

1 Possui graduação em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Minas Gerais (1992), mestrado em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Minas Gerais (1995) e doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005). Atualmente é professora associada da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência docente nas áreas de Ciência da Computação, Biblioteconomia e Ciência da Informação, tendo atuado como professora e coordenadora de curso em diversas instituições de ensino superior. Suas áreas de interesse relacionam-se aos seguintes temas: Comportamento informacional; Usuários da Informação; Cultura e Informação; Aspectos Sociais da Informação; Processo de Comunicação e Fluxo de Informação; Inclusão Digital; Competência Informacional; Biblioteca Escolar, Leitura e Formação do Leitor. E-mail: [bogliolo@eci.ufmg.br](mailto:bogliolo@eci.ufmg.br)

2 Graduação em Biblioteconomia (2013), mestrado em andamento em Ciência da Informação, ambos pela UFMG. Trajetória acadêmica orientada por experiências em ensino, pesquisa e extensão; prática de mercado abrangendo organização documental (bibliotecas, arquivos e acervos pessoais) e memória. Interesse em analisar as interseções do conceito multidisciplinar de informação; voltado às tecnologias e organização da informação e principalmente aos produtos, serviços e práticas de informação no contexto escolar. Pesquisa-se especificamente como a tecnologia digital transformou os padrões na busca e uso da informação e eventuais reflexos nos planos e programas educativos. Relacionam-se diretamente com esta temática os campos: nativos digitais, comportamento informacional, competência informacional e biblioteca escolar. Trabalhar a temática biblioteca escolar aplicada a currículos. E-mail: [mariaamorim@gmail.com](mailto:mariaamorim@gmail.com)

ser questionado (MILLER; PELLEN, 2005). Este artigo se propõe, portanto, a pensar o *ethos* da profissão de bibliotecário escolar nos dias atuais: os deveres, possibilidades, contribuições e espaços de atuação.

Como sugere Oliveira (2013) existe uma estreita vinculação da biblioteca à instituição em que está inserida. O bibliotecário escolar em um cenário ideal atua sobre o indivíduo em bases estabelecidas pela família e pela qualidade da educação conferida à escola nos primeiros anos da infância. A biblioteca ideal, no que lhe diz respeito, também faz parte de uma escola ideal. O desempenho da escola tem um impacto direto na atuação dos alunos e, por conseguinte, na concepção que estes têm da biblioteca. Esta, por sua vez, tem um impacto direto no aprendizado, em uma relação muito estreita. Pode-se dizer que a biblioteca escolar tem seus próprios desafios, somados aos da escola. Como hoje a realidade das escolas e de suas bibliotecas opera especificamente na lógica dos nativos digitais – indivíduos que nasceram e cresceram em meio a estas tecnologias – pondera-se se os dispositivos digitais e o buscador Google são os fatores mais expressivos a impactar a biblioteca e a prática do bibliotecário.

Sendo assim, narram-se atividades distintas; realizadas em bibliotecas de três escolas diferentes – pública da rede estadual, de ensino técnico e particular – mas que igualmente, permitiram observar o caráter da biblioteca escolar ante a procura de informação na Internet (e o buscador Google). Explica-se que a primeira avaliação ocorreu durante a efetivação de um estágio obrigatório, como condição para integralização dos créditos e obtenção do título de bacharel em biblioteconomia. Este contexto despertou o interesse em explorar esta temática dentro de um programa de pós-graduação em Ciência da Informação. Deu-se então, a segunda oportunidade de realizar uma investigação. Derivando de uma disciplina para integralização do curso de mestrado foi solicitado um trabalho de campo, que terminou por configurar em um pré-teste para a coleta dos dados efetivos da dissertação. A terceira experiência escolar deu-se no momento efetivo da coleta de dados da dissertação.

Através de técnicas de pesquisa (observação e entrevistas; com alunos e professores) foram investigados, em diferentes ocasiões, os processos de pesquisa, busca de informação e aprendizagem dos alunos do ensino médio. Em todos os casos objetivou-se analisar como os estudantes realizavam as atividades de pesquisa, quais recursos informacionais eram utilizados, se havia preferência pela biblioteca ou Internet (buscador também) e quais as fontes utilizadas; para, a partir destas descobertas, refletir sobre como a biblioteca pode contribuir com estes jovens.

## 2 DA BIBLIOTECA AO GOOGLE; A MUDANÇA NOS PADRÕES DE BUSCA E USO DA INFORMAÇÃO

Inexoravelmente, cada vez mais a Internet tem sido considerada fonte de informação entre os jovens, principalmente entre os nativos digitais. Williams (2007, p.2) afirma que os alunos se mostram extremamente familiarizados com a pesquisa na Internet e alega que proscrever pesquisas neste meio não é uma opção viável. Segundo esta autora, em uma Rede com informações emitidas por governos, cursos online, índices bibliográficos disponíveis gratuitamente e com o crescente movimento Open Access, impedir os estudantes de usar o **Google**<sup>3</sup> realmente traz-lhes um “desserviço”. De forma análoga, Godwin (2006) atesta a mudança nas práticas informacionais e declara que estes estudantes – chamados por ele a “geração Internet” - não veem a biblioteca como o lugar natural para se comprometerem com o aprendizado ou investigação. Oblinger e Hawkins (2006) vão mais além e inclusive chegam a declarar que o Google se tornou o “balcão de referência desta geração”.

A Internet é explorada principalmente pelos motores de busca. Sendo assim, mostra-se apropriado refletir sobre o Google, pois seu mecanismo de busca já vem sendo confundido com a própria Internet ao ponto de tornar indissociado da mesma por alguns usuários (VAIDHYANATHAN, 2012). O mecanismo Google se destacou como preferido pelos usuários estudados e líder do segmento em questão, como comprovam as estatísticas de usos da Web evidenciadas por inúmeros autores que se preocupam com o

---

<sup>3</sup> Nota-se que esta autora fala das possibilidades de busca na Internet, no geral, mas cita especificamente o motor de busca Google.

monopólio da empresa Google e a relação estreita que muitos usuários sustentam com o mesmo. Isto pode ser observado em Kulathuramaiyer e Balke (2006), Mieli (2009), Wu (2012) e Vaidhyanathan (2012), dentre outros.

Mas por que o Google? Diversos sistemas de busca na Internet foram criados antes e após o Google. Entretanto, este se particularizou, diferenciando-se dos demais. Muitos autores até atribuem à empresa a proeza de tornar a Web um meio razoável e organizado. Nos últimos anos, o Google tornou-se não só a ferramenta de busca mais popular da Internet, mas principalmente um fervoroso fenômeno cultural. Este motor de busca (que virou até verbo - “Googlar”) mudou a forma como o sujeito vê o mundo e como obtém e julga a informação. E foi ele que passou a gerenciar as fontes de informação eleitas por milhões de usuários. (VAIDHYANATHAN, 2012).

Estas incidências passaram a agastar alguns pensadores. Estes criticam a naturalidade com que o buscador se instalou no cotidiano de milhões de pessoas e tornou-se um intermediário entre o sujeito e a torrente de dados disponível na rede. Muitas são as alegações de que um uso indiscriminado e acrítico pode incorrer em efeitos inoportunos por parte de seus utilizadores. Através de estudos científicos são levantadas questões como: as ávidas aspirações da corporação (OCAÑA-SANCHEZ, 2013); a censurada falta de transparência por parte da empresa (KATTENBERG, 2011); o questionamento à privacidade de seus usuários e a possível dependência da parte destes (MIELI, 2009); o monopólio da rede (KULATHURAMAIYER, BALKE, 2006); a manipulação dos resultados de busca (FEUZ, 2011; EPSTEIN, 2014); a falsa neutralidade e imparcialidade do buscador e das respostas oferecidas (PARISIER, 2012); a abrangência de conteúdo (SALO, 2006 apud GODWIN, 2006) e a ideia que muitos fazem de que tudo está na Web e pode ser acessado pelo Google (EGGER-SIDER, DEVINE; 2005 apud GODWIN, 2006).

Atentando a outras questões, não características da companhia em si, mas do efeito que tem sobre seus usuários, ressaltam-se outros estudos que demonstram que as facilidades impressas pelo Google causam mudanças não só comportamentais. Existem limites, em termos cognitivos, para o quanto de informação as pessoas podem processar. Devido ao boom informacional Small (2009) aponta uma transformação em curso no cérebro das pessoas. Sparrow, Liu e Wegner (2011) declaram que a informação em si está sendo substituída pela habilidade de identificar onde esta poderá ser encontrada. Em decorrência, tem-se o argumento de Carr (2009, 2011) abordando a questão do pensamento crítico: ele alerta que o sujeito está se tornando mero decodificador de informação, sem capacidade para decidir o que é de fato significativo. Correlatamente Diaz-Isenrath (2005), na análise da tradução dos interesses e necessidades dos usuários do Google, revela que o que estes querem é encontrar informação de uma maneira “fácil” e “rápida”. A esta afirmação confronta-se a emergência de uma nova técnica cultural identificada por Mieli, (2009): a “Síndrome Google do Cópia e Cola”. Além da originalidade nas produções, muito tem se pensado também nos desdobramentos que a preterição da escrita cursiva pode ter no aprendizado e no comportamento informacional. Estes reflexos são retratados nos estudos de James (2012) e Berninger (2012); outro desdobramento trazido pelo “Cópia e Cola”, por sua vez facilitado pelo Google.

Observa-se que podem ser atribuídas ao buscador inúmeras mudanças na forma de aprender, de interagir e de se pensar a informação. Um dos reflexos de tantas alterações pode ser percebido na classe bibliotecária. Miller (2005) alega que os recursos oferecidos pela companhia, principalmente no que tange a prontidão e agilidade com que fornece as respostas em seu mecanismo de busca, tem feito muitos bibliotecários começarem a se sentir desnecessários e inseguros nestas condições. A desvinculação dos usuários da dependência de biblioteca enquanto edifícios e coleções (MILLER, 2005) pode realmente ser visualizada como uma convergência à desintermediação e desinformação. Porém pode igualmente indicar a necessidade de um profissional qualificado – o bibliotecário – para avaliar e atenuar estas inconveniências.

### 3 GOOGLETECONOMIA<sup>4</sup>: ANALOGIA BIBLIOTECA-GOOGLE

Não é incomum perceber indicativos sobre o imaginário das pessoas acerca do trabalho do bibliotecário e uma similitude com o Google. Enxergar o serviço de busca do Google como uma grande “biblioteca”, ou um grande acervo é uma atitude bastante observada em muitos usuários. O mesmo acontece com a noção de pensar que o Google é “melhor” “mais fácil” e “mais eficiente” do que uma pessoa. De fato, não é nada complicado encontrar coisas no Google e o senso comum pode fazer acreditar não tem como concorrer ou conviver com isso. Mas qual a característica desta relação?

“A ascensão do Google convida bibliotecas e bibliotecários para evoluir mais uma vez, em uma série de maneiras”. É o que reafirma Williams (2007, p.1). A nova demanda na forma de ensino e busca por informação comprova esta afirmativa. A autora declara que o Google tornou-se a referência desta geração e pontua a importância de atentar para esta nova condição e desenvolver métodos de contribuir com o aprendizado. Como declara Miller (2005, p. 4) para as bibliotecas, “o Google tem implicações muito profundas, e está acelerando as tendências que se desenvolveriam eventualmente de qualquer maneira”.

A obra *Libraries and Google*, publicada nos EUA em 2005, compila vários artigos relacionados ao Google e às bibliotecas. Nesta, Anderson e Herring (2005) descrevem que, dentro ou fora do contexto das bibliotecas, pessoas pensavam (ou temiam) que o Google tornaria as bibliotecas obsoletas, enquanto outras acreditavam que os produtos desta empresa representariam novas oportunidades às bibliotecas que respondessem a elas de maneiras positivas e inovadoras. De forma semelhante, Phipps e Maloney (2005) trabalharam o conceito de mudança de paradigma alegando que o Google provocou uma redefinição no campo das bibliotecas. Na opinião destas autoras, estas só seriam marginalizadas se o único propósito permanecesse o de guardião de coleções.

Dez anos depois, ainda que em um país diferente, com contextos diferentes, não se pode falar taxativamente sobre a obsolescência ou marginalização na realidade do Brasil. A abordagem de Phipps e Maloney (2005) se mostrou mais interessante. Diante dos novos discursos que foram despontando – como a democratização do conhecimento, inclusão informacional e digital e a formação de novas competências – surgiu observa-se a biblioteca e o procedimento dos jovens em relação à busca, seleção e uso da informação em tempos de Internet.

### 4 RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Sendo assim, em um primeiro momento retrata-se o acompanhamento da rotina de uma biblioteca de uma escola integrante da rede pública estadual. Na ocasião posterior narra-se o resultado da aplicação prática de entrevistas com alunos de duas instituições diferentes, objetivando conhecer que imagem e conceito estes nativos digitais têm da biblioteca e do buscador Google.

#### 4.1 Escola Pública

O primeiro estudo foi conduzido em uma escola da rede pública estadual, situada em Belo Horizonte. A proposta original era realizar um diagnóstico e uma avaliação da coleção. Contudo esta se direcionou também ao reestabelecimento do acervo, desorganizado em função de reformas. Durante o segundo semestre de 2012 (aproximadamente 240h) realizou-se o trabalho na biblioteca.

Na medida em que o material bibliográfico era separado e direcionado para tratamento foi possível acompanhar a rotina da biblioteca e realizar uma observação não participante. Segundo as indicações de Vergara (2010) deu-se a inserção da observadora no ambiente e no cotidiano do grupo investigado, contudo de modo que os alunos não se sentissem avaliados e alterassem o comportamento usual com que desempenham suas atividades rotineiras. Também ouviu-se o relato dos professores e observou-se a atuação

---

<sup>4</sup> MILANESI, Luís Augusto. Aí está a faixa com a enigmática "Googleteconomia". Disponível em: <https://twitter.com/luismilanesi/status/42951746120585216>. Acesso: 08 ago. 2015.

dos alunos apontando-os em um diário. Esta observação permitiu constatar o perfil dos estudantes, os percalços enfrentados pela escola e principalmente o reflexo na biblioteca.

A instituição acompanhada assume as peculiaridades que retratam o ensino público estadual, de uma forma geral. Os professores, que lecionam não apenas nesta, mas também em outras escolas da rede estadual de Minas Gerais, mostraram relatos parecidos sobre o magistério; o que sugeriu uma similaridade na situação das escolas. Considerado pela mídia um dos estados da Federação com as melhores avaliações de desempenho, as escolas da rede apresentam estruturas deveras simples. As salas de aula são convencionais, com lousas de giz e não têm aproveitado todo o potencial devido à restrição de investimentos. Pode-se dizer que são instituições que convivem com as dificuldades de um orçamento limitado e recursos defasados. Nesta em questão, a realidade é agravada. Há o fato de estar situada na região central de uma favela, onde o próprio acesso é difícil. A escola atende a população carente das redondezas e os alunos são inseridos em um contexto de pobreza, violência e desestímulo da família; que por vezes não valoriza a educação e não acompanha pragmaticamente o aluno. Alguns pais não sabem sequer o que cobrar ou esperar da escola e muitos deles não comparecem às reuniões de pais e professores

Como declara Schwartzman (2010) são muitos os problemas que impactam o ensino: a falta de escolas, a evasão escolar precoce, a carência de verbas governamentais, etc. Contudo, ele aponta que as principais distorções que culminam na má qualidade do ensino são a falta de verbas para investir na qualificação e no salário dos professores, a má educação familiar dos alunos e o coeficiente de aprendizagem do aluno. Muitos estudantes passam pela escola sem aprender a ler e escrever de forma adequada, ao passo que existe a obrigatoriedade de manter na escola os alunos que não assumem um desempenho satisfatório.

Através de diálogo com os professores pôde-se comprovar o indicado na literatura. Foi perceptível que na realidade da escola e no dia a dia, os professores convivem com muitas batalhas. Não é possível englobar os alunos que ficaram para trás de forma a recuperar o tempo perdido e possibilitar o nivelamento do conhecimento dos alunos na mesma sala; resolvendo assim os problemas de conteúdo. O aluno que não consegue acompanhar a turma atrapalha e impede o aprendizado dos demais colegas; é necessário retirá-lo de sala. Algumas vezes este aluno é encaminhado para a biblioteca – que não tem estrutura para lidar com este tipo de situação. A questão da disciplina também é complicada; os alunos parecem não compreender ou valorizar a própria escola. Não existe uma vinculação próxima da família com a escola, os pais delegam unicamente a esta a responsabilidade de educar os filhos, deixando os professores exaustos e esgotados de tentar trabalhar diante de tantas dificuldades. Em meio a isso tudo a tentativa de se conjecturar a Biblioteca.

O espaço da biblioteca é amplo considerando o tamanho da escola. Ocupa duas salas grandes, aproximadamente 50m<sup>2</sup>. O acervo é bem considerável em termos de obras literárias e livros didáticos (variedade e número de exemplares). Existem também obras de referência que pouco são utilizadas. O controle de empréstimo é feito de forma manual e não são feitas catalogações efetivas, pois não existe uma base de dados – a biblioteca não é informatizada. Não há bibliotecário ou auxiliar de biblioteca, quem responde pela mesma é um professor em desvio de função. Ainda assim a biblioteca é muito procurada, principalmente como espaço multimídia para exibição de filmes e arquivos de áudio, uma vez que a escola não conta com dispositivos independentes para cada sala. A biblioteca configura também espaço de atividades lúdicas, recreativas e lugar de refúgio tanto de alunos, como de professores.

Ao final da observação foi possível constatar que o fato de a biblioteca descumprir preceitos de organização e catalogação não é o motivo que faz com que esta seja mal utilizada. O pouco aproveitamento do potencial da biblioteca está atrelado à deficiência da escola, do ensino e à falta de um bibliotecário. Quando existem trabalhos de pesquisa (muito voltados para evitar repetências) os alunos têm muita dificuldade de até mesmo compreender o que precisam desempenhar. Nesses casos é frequente a entrega aos professores cópias de conteúdos retirados da Internet, bem como os alunos descumprirem o que é solicitado. Mesmo diante das dificuldades econômicas, o acesso à Internet é possível, no laboratório de informática da escola. Contudo, não se considera um uso de qualidade, uma vez que não há a reflexão sobre os conteúdos copiados.

Não se pode falar em responsabilidade única do Estado, da direção da escola, da biblioteca, dos professores, dos alunos ou pais. Existe um ciclo defectivo no qual os professores são mal remunerados, desrespeitados e pouco preparados para os desafios que as condições da escola impõem. Muitos dos alunos são mal-educados e relegados pelas famílias, o que dificulta muito a tarefa da escola. O Estado também não é capaz de oferecer todos os recursos necessários para que a educação se efetive. É o que incide na biblioteca da escola, que não dispõe do recurso básico e principal para o seu funcionamento efetivo: um profissional capacitado, o bibliotecário. Diante de semelhante carência a biblioteca não tem como contribuir para que os alunos desenvolvam uma consciência sobre a própria educação e personalidade; para em um futuro conseguir se posicionar na sociedade – entrar no mercado de trabalho e se tornar cidadãos.

## 4.2 Escola Técnica

Após a primeira observação procedeu-se uma nova conjuntura, já procedente da inserção da pesquisadora em um programa de pós-graduação em Ciência da Informação. Como referido, foi solicitado um trabalho de campo em uma das disciplinas da integralização do curso de mestrado, que terminou por configurar em um pré-teste para a coleta dos dados efetivos da dissertação. Já partindo do conteúdo teórico exposto e a partir das inquietações relativas ao papel da biblioteca e da busca por informação na Internet/Google, decidiu-se observar a perspectiva dos sujeitos que estão sendo formados contemporaneamente.

Adotou-se como referencial metodológico a obra de Paula (1999, 2005, 2007, 2011, 2012, 2013): autor que tem se dedicado a congregar os saberes e contribuições da psicologia aos apontamentos da gestão do conhecimento. Situada dentro da Abordagem Clínica da Informação, as teorias que embasaram a coleta de dados configuram um olhar alternativo para os estudos usuários da informação e de comportamento informacional. Este método considera o uso afetivo e simbólico da informação pelo sujeito (muitas vezes inconsciente) como um recurso de acesso e compreensão às expressões de sua subjetividade. Este enfoque de trabalho, além de considerar a influência de elementos socioculturais e cognitivos, analisa também os fundamentos simbólicos, afetivos e psicodinâmicos (conscientes e inconscientes). Isto assegura uma conjectura profunda do ‘fenômeno informação’, permitindo atingir níveis de análise não usuais nos estudos clássicos de usuários.

Sendo assim empregou-se o simbólico para analisar o universo particular do indivíduo, uma vez que este traz elementos de entendimento sobre a forma como indivíduo se relaciona no espaço e no tempo com a biblioteca e o Google. Encontram-se no depoimento do sujeito suas afinidades emocionais; suas reproduções de imagens simbólicas, seus sentimentos, suas representações mentais e padrões de comportamento. É essa miríade de elementos que se junta para compor a estrutura que irá interligar e influenciar seus argumentos racionais. É a esses elementos que a metodologia proposta se embasa para permitir acesso aos motivadores subjetivos da relação dos sujeitos pesquisados com os espaços com que interagem.

Como o principal escopo foi conseguir acesso à subjetividade dos participantes e então, investigar a relação dos alunos com o Google e com as bibliotecas, considerou-se a hermenêutica destas dimensões (simbólicas e afetivas); intrínsecas aos canais de busca, seleção, interpretação e utilização de informações. Foram entrevistados seis alunos com idades entre 14-18 anos no espaço da biblioteca de uma escola de ensino técnico. Os participantes foram perguntados sobre a percepção que possuem a respeito destes dois ambientes; como se relacionam afetivamente com eles e, em sua opinião, se os dois se assemelham, se sobrepõem ou se complementam. Solicitou-se também aos alunos que atribuíssem características à biblioteca e ao Google aproximando-os de pessoa e animais.

Inicialmente, no momento de explicar em que consistia a pesquisa, os sujeitos ressaltaram que consideravam biblioteca e Internet completamente distintas e sem semelhanças. No entanto, no decorrer da entrevista, através da pergunta “*O que a Biblioteca/Google representa para você?*” a aproximação do Google com a biblioteca mostrou-se clara em quase todas as respostas; bem como a estreita vinculação Internet-Google. Como evidencia a fala de um dos participantes, ao ser perguntado “*O que a biblioteca*

*representa para você?*” respondeu “Representa instrumento de pesquisa”. Ao repetir a pergunta orientada ao buscador o mesmo respondente indicou: “Um instrumento de pesquisa de maior facilidade”. O mesmo se observou com outros dois alunos. Para eles o Google representa: “Talvez a mesma coisa que uma biblioteca. Um retângulo onde eu posso achar o que eu quiser” e “Uma biblioteca extremamente gigante”.

Embora se apresentem aqui (e na seção posterior) as categorias analisadas contrastando a biblioteca *versus* o Google (centrados obviamente na percepção dos estudantes), as perguntas da entrevista não foram conduzidas instigando uma comparação por parte dos alunos. Primeiramente dirigiu-se aos entrevistados um bloco de perguntas referentes à biblioteca e somente após encerrada toda a indagação sobre o assunto biblioteca repetiu-se o bloco para o Google.

Do total de entrevistados, todos declararam que gostam de estudar. Quando perguntados sobre como se sentiam e procediam diante da necessidade de realizar pesquisas, as respostas foram diferentes. De modo geral as variáveis incidiram sobre quem solicita a atividade (professores que delimitam a fonte ou os deixam livres) e sobre a natureza da pesquisa (o envolvimento é maior quando o tema se relaciona com algo de seu interesse particular).

Um dos momentos mais notáveis resultou da avaliação dos símbolos e imagens que os alunos associaram à biblioteca e ao Google. Quando perguntados “*Quem é a biblioteca/ o Google [como pessoa]*” os adjetivos “velha”, “senhora” e “calma” surgiram com frequência para qualificar a biblioteca, ao passo que “novo”, “jovem” e “agitado” apareceram para o Google. A biblioteca foi retratada como um ambiente de muita sabedoria, dedicado ao conhecimento, mas também tradicional, conservador, austero e reservado onde as informações são mais precisas porém mais limitadas. Com relação ao Google, as respostas sugeriram uma pessoa “extrovertida”, “prática” e “mais fácil de lidar”. Portanto, para alguns dos jovens entrevistados, percebeu-se a **oposição** entre o arcaico e o novo.

Por outro lado, a ideia de **complementaridade** apareceu na associação da biblioteca com a mãe, protetora e afetiva, que cuida e direciona (da mesma forma as informações – mais criteriosas) e a figura do pai para o Google, provedor e racional, que desvela o mundo aos jovens (põe muita informação ao alcance, quase irrestrito). Esta complementaridade fica evidente quando se percebe que a família ideal no imaginário dos entrevistados se compõe de pai e mãe presentes.

A pesquisa evidenciou que estes alunos são muito conectados com o Google (única ferramenta de busca utilizada por eles) e que também têm uma relação forte com a biblioteca, relação esta que pareceu ser construída e estimulada por seus professores. Visto que a pesquisa foi realizada dentro da biblioteca escolar, compreende-se que foram entrevistados justamente alunos que a frequentam, o que pode ter causado certo viés. Ficaram, portanto, questionamentos sobre novos resultados derivados da aplicação da mesma pesquisa fora da biblioteca e também em outras instituições.

### 4.3 Escola Particular

A terceira experiência escolar, descrita a seguir, decorreu do acompanhamento da escola que constituiu objeto da coleta de dados da dissertação. Neste caso, a escola pesquisada é uma instituição laica e particular da cidade de Belo Horizonte. Considerada inovadora no Brasil, vem implementando mudanças nos padrões tradicionais de ensino, o que envolveu a emersão de um currículo aberto e reformas físicas no ambiente da escola. A peculiaridade desta nova proposta pedagógica, centrada em bases construtivistas, ressalta a independência do sujeito e a pesquisa escolar enquanto ferramenta essencial de efetivação e consolidação do aprendizado. Cada aluno tem autonomia de tempo e de metodologia para conseguir cumprir suas atividades. Prevalece a liberdade de escolha entre os alunos. Não existe uma filosofia de métodos impositivos.

Não existem paredes, não existem salas de aula, nem apresentações expositivas por parte dos docentes. Com poucas exceções, as aulas são trabalhadas em salões. Nestes ambientes ficam dispostas estantes com livros didáticos e mesas com 4 ou 6 cadeiras, onde os alunos se organizam em grupos de trabalho e recebem roteiros temáticos, método pelo qual acontece o início do processo de aprendizagem.

Os estudantes começam a cumprir suas atividades separando e integrando o que é individual e o coletivo. Se sentem dificuldades pedem apoio aos colegas (de sua própria mesa ou de outras) ou ao professor, que então dá explicações para grupos ou alunos específicos. Normalmente ficam 4 professores (relativos à área do conhecimento) presentes no salão à disposição dos alunos. Estes ficam percorrendo as mesas e acompanhando os alunos.

Os grupos são divididos segundo critérios bem específicos. A **heterogeneidade** de idade, sexo e afinidade com as disciplinas procura ser mantida em todas as mesas. O objetivo é equilibrar o grau de conhecimento para que os alunos além de aprender, possam compartilhar e colaborar com o aprendizado dos demais colegas. O método de avaliação também é personalizado. Existem módulos nos quais se divide a totalidade do conteúdo programático. Como são os alunos que administram o tempo e o prazo para terminar os roteiros, quando se sentem prontos solicitam e marcam as avaliações com o professor.

Foram entrevistados 4 alunos, com idades entre 14-18 anos, duas do sexo feminino e dois do masculino. O perfil socioeconômico dos mesmos permite colocá-los na categoria classe “média-alta”. Todos declararam ter fácil acesso a materiais bibliográficos. Todos têm computadores, todos têm acesso regular à Internet, alguns levam tablet’s e computadores próprios, outros usam os da escola. Os estudantes convivem com diversas tipologias de material; a utilização fica a critério deles e o que varia usualmente é a recomendação do professor. Não são excluídos digitalmente.

A coleta de dados aconteceu no período de setembro a dezembro de 2014 e envolveu observação não participante e aplicação de entrevistas semiestruturadas (com alunos e funcionários da escola). O primeiro método foi empregado para acompanhar a rotina da escola e dos alunos; observar os processos relacionados ao aprendizado, necessidade e busca por informação e também para haver uma integração com o ambiente.

No concernente às entrevistas, com a referida metodologia, realizou-se com estes estudantes um estudo de maior profundidade, aplicando três entrevistas em momentos distintos. Buscou-se compreender a relação dos mesmos com o Google e a biblioteca (a imagem que fazem dos mesmos, a afinidade que têm com estes ambientes e a efetividade de uso), aspectos relacionados à necessidade de informação destes jovens (como os entrevistados começam as buscas e como cumprem suas atividades) e após a conclusão do trabalho, o confronto dos resultados obtidos e verificação efetiva de como se produziram a pesquisa escolar e o aprendizado. Novamente utilizou-se a teoria que embasa a metodologia da Abordagem Clínica da Informação de Paula (1999, 2015), porém de forma ampliada: dessa vez os alunos foram convidados primeiro a comparar a biblioteca com uma imagem, uma pessoa, um animal, uma música e uma fase da plantação (semeadura, florescimento, colheita e pós-colheita). Depois de toda a entrevista realizada sobre a relação do aluno com a biblioteca, foi feita a entrevista sobre seu uso da Internet e, em particular, da ferramenta de busca Google. Novamente os alunos foram convidados a comparar o Google com imagem pessoa, animal, música e fase da plantação.

Além disso, foram dirigidas aos respondentes perguntas detalhadas sobre as tecnologias que eles usam para realizar as pesquisas escolares; como pesquisam novos tópicos e o que eles pensam, sentem e sabem sobre o Google. Os mesmos foram convidados a dizer sua postura diante do Google em questões como autoridade, legitimidade de fontes, grau de satisfação com os resultados, os níveis de complexidade dos termos de busca, dentre outros. Foram questões orientadas a inferir a influência que o buscador estabelece; se há a dependência da Internet (notadamente explorada pelo Google) na produção escolar e como esta é observada.

Na escola em questão, viu-se que a biblioteca não é considerada fonte de informação pelos alunos (destaca-se a condição financeira do alunado, que usufrui de dispositivos digitais e opta pela posse dos livros). Representa para eles o fantasioso, refúgio, um lugar de bem estar. De um modo generalista, mais que pelo seu acervo, a biblioteca os fascina pelo espaço, pelo que emana. Os entrevistados, contudo exaltaram bibliotecas que não frequentam, atendo-se na exaltação à ideia que fazem da mesma. Reconheceram sua importância, mas para usufruto de terceiros ao invés deles próprios. Foi-lhes perguntado o que achariam de um mundo em que não existissem bibliotecas: embora não as utilizem, consideraram um verdadeiro absurdo.

O Google por sua vez, mostrou-se muito presente no cotidiano destes jovens, nas buscas de informações para o conteúdo escolar e demais assuntos de curiosidade. Também foi possível inferir que utilizam os demais produtos e serviços que a corporação Google disponibiliza. Observou-se em todos eles pelo menos um dos critérios estudados sobre as mudanças trazidas pela empresa, principalmente relacionadas com a quantidade de informação. Diante das questões polêmicas sobre a companhia, os jovens entrevistados demonstraram pouca preocupação e desconforto; deixaram entrever um conformismo ou uma aceitação, como se fosse algo realmente natural e parte do contexto em que vivem. De forma geral, todos afirmaram estarem satisfeitos com o mecanismo de busca Google, não identificando ou justificando nenhum interesse ou necessidade em conhecer outros buscadores. O fato de eles utilizarem o Google pareceu immanentemente ligado às suas ocupações rotineiras. A não utilização ou escolha de outro buscador (podendo optar pelo Google) configuraria algo atípico para estes estudantes.

## 5 CONCLUSÃO

Esta análise evidenciou que a Internet e o Google manifestaram-se definitivamente presentes na vida dos jovens; corroborando a ideia de que hoje a realidade das escolas e de suas bibliotecas está na lógica dos nativos digitais. Diante deste fato, parece natural dirigir à biblioteca escolar e a profissão do bibliotecário, questionamentos direcionados à presença dos dispositivos digitais. Contudo, observou-se que o viés tecnológico não foi o fator mais expressivo a interferir no vínculo dos alunos com a biblioteca. As características da escola, a postura dos professores e do bibliotecário e a família foram os grandes indicadores de que a tecnologia por si só, tem pouco impacto nesta relação.

Notadamente, a empresa Google instituiu-se como única e mudou a Internet e as pessoas. A literatura alega tratar-se de uma corporação que identificou as tendências da vida digital e explorou uma característica da contemporaneidade. Infere-se que se não fosse a empresa Google seria(m) outra(s) diferente(s) a ocupar esta posição, este espaço aberto na sociedade – ainda que não com a mesma amplitude.

Com relação ao Google, a observação e a aplicação das entrevistas permitiu a conclusão: o buscador está consolidado no cotidiano destes jovens, ainda que tenham sido ouvidos alunos de instituições e perfis completamente diferentes. Contudo, se com o Google, as diferenças foram sutis, com relação à biblioteca houve muita divergência. Estas diferenças apareceram relacionadas a três fatores principais: o perfil da escola e de seus alunos, a atuação dos professores e do bibliotecário e a influência que a família exerce no desempenho estudantil.

Relembrando Oliveira (2013), reforça-se a estreita relação da biblioteca com escola em que está inserida. No primeiro caso descrito observamos que o pouco usufruto do potencial da biblioteca está diretamente relacionado com os problemas por que passam a escola e os alunos. A família não está presente na vida estudantil, o ensino é deficiente, os professores vivem extenuados e os alunos têm dificuldade em compreender o que é exigido deles. Quando há atividade de pesquisa os professores relatam que costumam receber cópias da Internet. Ainda que houvesse um bibliotecário, acredita-se que o maior desafio não seriam os dispositivos digitais. Sabe-se que o exercício da biblioteconomia se prova extremamente versátil; além das dimensões práticas, mercadológicas, administrativas e de gestão do conhecimento, pode também assumir um grande apelo idealista. O profissional que opera em cenários semelhantes ao desta escola precisa desenvolver uma sensibilidade diante dos problemas sociais, uma vez que suas atividades se agregam ao cultural e se revelam capazes de culminar em transformação social. Diante deste contexto lamenta-se a inexistência do bibliotecário.

Na escola de ensino técnico os estudantes são muito heterogêneos, tanto em idade como em classe social. Todos manifestaram valorizar o estudo; além do ensino tradicional somam também o técnico. Neste

segmento foi muito constatada a influência da família, que incentiva o jovem a traçar uma trajetória educativa. Os professores são rigorosos com a questão das fontes, exigem um trabalho criterioso com os conteúdos e estimulam a busca tradicional, na qual o aluno vai localizar, ler, elaborar e transcrever, fazendo com isso uma seleção. Os dados da Internet precisam ser muito bem avaliados para serem aceitos. A bibliotecária conhece o conteúdo programático e também o perfil dos professores, orientando com alto grau de aproveitamento e precisão os alunos com relação às atividades que estes precisam desempenhar. Nesta instituição a biblioteca e o Google se complementaram; demonstrando o grande diferencial da atuação da bibliotecária e dos professores. O Google permaneceu mais relacionado ao hipertexto: mapas, imagens, músicas e demais informações não características da pesquisa em si.

A escola particular, focada no ensino construtivista, prega a autonomia. Os professores deixam os alunos livres para escolher as fontes, para determinar a metodologia, para marcar as avaliações... É o aluno que conduz o seu percurso. Evidentemente, existem orientações quanto à confiabilidade de fontes, mas o que persiste é a escolha do estudante. A biblioteca não representa fonte de informação para esses jovens, mas os seduz pelo espaço e pelo encantamento do conhecimento. São alunos de classe média-alta com um núcleo familiar muito estruturado, o que aparece no incentivo à leitura e no subsídio à posse dos materiais. Ante ao deslocamento e o acesso tempo/espaço os alunos preferem investir na compra de materiais e conciliá-los aos dispositivos digitais. Acredita-se que em decorrência disso, o acervo da biblioteca foi desmembrado, dividido entre as salas de aula, com uma proposta de autogestão. Neste cenário a presença de um bibliotecário efetiva-se para informatizar o acervo e investir na educação dos jovens. No momento das entrevistas os estudantes manifestaram claramente que gostariam de ter debates sobre as questões levantadas sobre o Google. Os nativos digitais se deram conta de que nunca de fato questionaram nada, sempre acharam tudo natural uma vez que não conseguiram estabelecer outro referencial que não o próprio em que vivem; outro ângulo para ser trabalhado pelo bibliotecário.

Refletindo especificamente sobre as bibliotecas escolares, para uma atuação bem sucedida provaram-se indispensáveis dois fatores. O primeiro deles é a colaboração: com a biblioteca seguindo os rumos da escola constata-se que os professores têm responsabilidades sobre a biblioteca, seja na elaboração de trabalhos, na cobrança de fontes, na formação da consciência... Mostra-se interessante o bibliotecário investir na construção desta relação com os professores, a exemplo da escola técnica, que foi a que mostrou maior integração.

O segundo fator é a adoção de duas posturas pelo bibliotecário. Assim como demandas diferentes exigem atuações diferentes; cada biblioteca é única, assim como o aluno e instituição – o que se comprovou nesta análise. Indica-se a conveniência de realizar um estudo de usuários que relate o perfil e o comportamento informacional dos estudantes. Independente do tipo de escola (pública ou privada) consultar os alunos, rever como eles se posicionam diante de sua aprendizagem e o que eles esperam da biblioteca permite ao bibliotecário equiparar suas possibilidades de atuação com o conhecimento teórico. Em segundo, conciliar a ampliação do conhecimento sobre o processo de busca e uso de informação (ressaltando as características da Internet) com um constante aperfeiçoamento profissional. É o que recomendam Fialho e Andrade, (2007, p. 13) aludindo Todd (2003).

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Rick. The (uncertain) future of libraries in a Google world: sounding an alarm. In: MILLER, William; PELLEN, Rita M (Orgs). *Libraries and Google*. Binghamton, NY: Haworth Information Press, 2005. p. 29-36
- BERNINGER, Virginia. *Evidence-Based, developmentally appropriate writing skills K-5*: teaching the orthographic loop of working memory to write letters so developing writers can spell words and express ideas. Presented at Handwriting in the 21st Century?: An Educational Summit, Washington, D.C., January 23, 2012.
- CARR, David. How Good (or Not Evil) Is Google? *New York Times*, Nova Iorque, 21 jun. 2009.
- CARR, Nicholas. *A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros*. Rio de Janeiro, Agir, 2011. 312 p. ISBN 978-85-220-1005-9
- DIAZ-ISENRATH, Cecilia. Um estudo sobre o Google: questões para uma leitura micropolítica das tecnologias da informação, *Liinc em revista*, v.1, n.2, setembro 2005, p. 96-117.
- EGGER-SIDER, Francine; DEVINE, Jane. Google, the Invisible Web, and librarians : slaying the research Goliath. In: MILLER, William; PELLEN, Rita M (Orgs). *Libraries and Google*. Binghamton, NY: Haworth Information Press, 2005. p. 89-101. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2801985/>. Acesso em: 25 ago. 2015.
- EPSTEIN, Robert. *Could Google Have Fixed the Lok Sabha Elections? A Landmark New Study in India Shows It's Possible*. Disponível em: [http://aibr.org/downloads/MEDIA\\_RELEASE-Manipulating\\_Indian\\_Elections-Landmark\\_New\\_Study-AIBRT.pdf](http://aibr.org/downloads/MEDIA_RELEASE-Manipulating_Indian_Elections-Landmark_New_Study-AIBRT.pdf). Acesso 17 jul 2014.
- EPSTEIN, Robert. *Democracy at risk: how voters in the 2014 elections in India were manipulated by biased search rankings*. AIRBT, mai. 2014. Disponível em: <http://aibr.org/index.php/internet-studies>. Acesso 17 jul 2015.
- EPSTEIN, Robert. ROBERTSON, R.E. Democracy at risk: Search rankings can shift voter preferences substantially. In: *Annual meeting of the Association for Psychological Science*, 25th. 2013, Washington, DC.
- FEUZ, Martin; FULLER Matthew; STALDER, Felix. Personal Web searching in the age of semantic capitalism: diagnosing the mechanisms of personalisation. *First Monday*, v.16, n. 2. fev. 2011.
- FIALHO, Janaína F.; ANDRADE, Maria Eugênia Albino. Comportamento informacional de crianças e adolescentes: uma revisão da literatura estrangeira. *Ciência da Informação*, v. 36, n. 1, 2007.
- FORCE, Ron. Image: Google's most important product. In: MILLER, William; PELLEN, Rita M (Orgs). *Libraries and Google*. Binghamton, NY: Haworth Information Press, 2005. p. 205-210
- FUCS, José. Como Minas Gerais conseguiu a melhor educação básica do país. *Época*, 2014. Disponível em: <http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2014/05/como-bminas-geraisb-conseguiu-melhor-educacao-basica-do-pais.html> Acesso em: 13 ago. 2013.
- GODWIN, Peter. *Information literacy in the age of amateurs: how Google and Web 2.0 affect librarians' support of Information Literacy*. 2006. Paper. University of Bedfordshire, 2006.
- HERRING, Mark. Y. A gaggle of Google's: limitations and defects of electronic access as panacea. In: MILLER, William; PELLEN, Rita M (Orgs). *Libraries and Google*. Binghamton, NY: Haworth Information Press, 2005. p. 37-44.
- JAMES, Karin.H. *How Printing Practice Affects Letter Perception: An Educational Cognitive Neuroscience Perspective*. Presented at Handwriting in the 21st Century?: An Educational Summit, Washington, D.C., January 23, 2012.
- KATTENBERG, Salko Joost. *Search here: A historical analysis of search engines development*. 2011. 42f. Monografia - University of Utrecht, Faculty of Humanities. Utrecht, 2011. Disponível em: <http://goo.gl/9e2bH9>. Acesso: jul. 2014
- KULATHURAMAIYER, Narayanan; BALKE, Wolf-Tilo. Restricting the View and Connecting the Dots: dangers of a Web Search Engine Monopoly. *Journal of Universal Computer Science*, v. 12, n. 12, 2006. 1731-1740

MIELI, Sívio. Os perigos do Google como único filtro da realidade. *Brasil de Fato*, Ed. 326 (28 maio - 3 de jun.), 2009. Disponível em <http://www.brasildefato.com.br/node/6979>, <http://www.brasildefato.com.br/node/3601>. Acesso em 15 jun. 2014.

MILLER, Paul. Web 2.0: building the new library. *Ariadne Issue*, n. 45, out. 2005. Disponível em: <http://www.ariadne.ac.uk/issue45/miller/>. Acesso: 25 ago. 2015.

MILLER, William; PELLEN, Rita M (Orgs). *Libraries and Google*. Binghamton, NY: Haworth Information Press, 2005. 240 p. ISBN 9780789031242

OBLINGER, Diana.G.; HAWKINS, Brian.L. The myth about student competency: our students are technologically competent. *EDUCAUSE Review*, vol. 41, no. 2; mar.-abr. 2006, p.12-13.

OCAÑA-SANCHEZ, Alejandro S. *A verdade por trás do Google*. São Paulo: Planeta, 2013. 304p. ISBN 9788542200188

OLIVEIRA, Iandara Reis de; CAMPELLO, Bernadete Santos. *O processo de aprendizagem pela busca e uso de informações: a orientação da pesquisa escolar na perspectiva do professor*. 2013. 95 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação. Belo Horizonte, 2013.

OLIVEIRA, João Batista Araújo; SCHWARTZMAN, Simon. *A escola vista por dentro*. Belo Horizonte: Alfa Educativa Editora, 2002. 144p.

PALFREY, John G.; GASSER, Urs. *Born digital: understanding the first generation of digital natives*. New York: Basic Books, c2008. vii, 375 p. ISBN 0465005152.

PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de. A investigação do comportamento de busca informacional e do processo de tomada de decisão dos líderes nas organizações: introduzindo a Abordagem Clínica da Informação como proposta metodológica. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 3, Número Especial, p. 30-44, out. 2013.

PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de. Dimensões simbólicas e afetivas do uso da informação: uma análise das comunicações entre professores do departamento de psicologia de uma instituição de ensino superior pública brasileira. In: XII ENANCIB, 2011, BRASÍLIA. *Anais do XII ENANCIB*. Brasília: UNB Brasília, 2011. v. 1. p. 01-20.

PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de. *Informação e psicodinâmica organizacional: um estudo teórico*. Dissertação Mestrado. Escola de Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1999.

PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de. O bibliotecário como um information doctor. *Bibl. Univ.*, Belo Horizonte, v. 2, número especial, p. 65-79, fev. 2015.

PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de. *O símbolo como mediador da comunicação nas organizações: uma abordagem junguiana das relações entre a dimensão afetiva e a produção de sentido nas comunicações entre professores do departamento de Psicologia de uma instituição de ensino superior brasileira*. Tese (Doutorado). Departamento de Psicologia Social e do Trabalho. São Paulo: Instituto de Psicologia, 2005. 367p.

PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de. Proposta de metodologia para a investigação do comportamento de busca informacional e do processo de tomada de decisão dos líderes nas organizações: introduzindo uma abordagem clínica na informação. *XIII ENANCIB*. Rio de Janeiro, 2012.

PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de. Psicologia, gestão e conhecimento. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 3, Número Especial, p. 1-5, out. 2013. ISSN: 2236-417X.

PHIPPS, Shelley E; MALONEY, Krisellen. Choices in the paradigm shift: where next for libraries? In: MILLER, William; PELLEN, Rita M (Orgs). *Libraries and Google*. Binghamton, NY: Haworth Information Press, 2005. p. 103-117

SALO, Dorothea. Design speaks. *Library Journal*; Peer to Peer Review, 15 out. 2006.

SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. 222 p. ISBN 9788578660697

SMALL, Gary, et al. Your Brain on Google: Patterns of Cerebral Activation during Internet Searching. *American Journal of Geriatric Psychiatry*, Bethesda, n., p.116-126, 17 fev. 2009. Disponível em: <http://is.gd/JmXCuW>. Acesso em 19 mar. 2013.

SPARROW, Betsy; LIU, Jenny; WEGNER, Daniel M. Google Effects on Memory: Cognitive Consequences of Having Information at Our Fingertips. *Science*, New York, v. 333, n., p.776-779, 5 ago. 2011. Semanal. Disponível em: <http://www.sciencemag.org/>. Acesso em: 13 fev. 2013.

VAIDHYANATHAN, Siva. *The Googlization of everything: and why we should worry*. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 2011. 281p. ISBN 978-0-520-25882-2

VERGARA, Sylvia C. Métodos de pesquisa em Administração. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

WILLIAMS, Genevieve. Unclear on the Context: Refocusing on Information Literacy's Evaluative Component in the Age of Google. *LPP Special Issue on Libraries and Google; Library Philosophy and Practice*, jun. 2007. ISSN 1522-0222

WU, Tim. Impérios da Comunicação: do telefone à internet, da AT&T ao Google. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

**Recebido em: 29-08-2015**

**Aceito em: 07-01-2016**